



XXXI Congresso Brasileiro de Custos
20, 21 e 22 de novembro de 2024
- São Paulo / SP -



Custos e Gestão de Recursos Humanos nas Agroindústrias Familiares Rurais do Oeste do Paraná

Fabiola Graciele Besen (UNIOESTE) - fabiolagracielebesen@gmail.com

Clerio Plein (UNIOESTE) - clerioplein@gmail.com

Juarez Bortolanza (UNIOESTE) - juarezbortolanza@gmail.com

Marcos ANDRADE (UNIOESTE) - marcos.consultor@hotmail.com

Tércio Vieira de Araújo (UNIOESTE) - professortercio@hotmail.com

Resumo:

Este estudo investiga o impacto do tamanho da infraestrutura agroindustrial e da alocação de recursos humanos na lucratividade das Agroindústrias Familiares (AFR) em pequenas propriedades rurais na região Oeste do Paraná, Brasil. A pesquisa destaca a importância da gestão eficiente dos recursos humanos e da infraestrutura adequada como fatores críticos para a viabilidade econômica das AFRs. Utilizando uma metodologia descritivo-exploratória, o estudo se baseia em dados do projeto "Análise Socioeconômica das Agroindústrias da BP3", conduzido pela BIOLABORE em parceria com a Itaipu Binacional. Os resultados indicam que infraestruturas agroindustriais maiores tendem a gerar maiores rendas, embora com maiores investimentos iniciais e custos operacionais. Por outro lado, AFRs menores geralmente dependem de fontes de renda fora da fazenda, refletindo a necessidade de diversificação de renda. Os resultados sugerem que, à medida que a infraestrutura e a capacidade de produção aumentam, a dependência de renda externa diminui, posicionando a agroindústria como uma fonte primária de subsistência. Esta pesquisa ressalta o potencial de crescimento em AFRs que investem em infraestrutura aprimorada e gestão de recursos humanos, contribuindo para o desenvolvimento rural e a sustentabilidade. Estudos futuros são recomendados para explorar análises comparativas entre diferentes regiões e o impacto de inovações tecnológicas na eficiência e lucratividade de AFRs.

Palavras-chave: *Agroindústrias familiares, desenvolvimento rural, gestão de recursos humanos, infraestrutura, lucratividade.*

Área temática: *Custos como ferramenta para o planejamento, controle e apoio a decisões*

Custos e Gestão de Recursos Humanos nas Agroindústrias Familiares Rurais do Oeste do Paraná

Resumo: Este estudo investiga o impacto do tamanho da infraestrutura agroindustrial e da alocação de recursos humanos na lucratividade das Agroindústrias Familiares (AFR) em pequenas propriedades rurais na região Oeste do Paraná, Brasil. A pesquisa destaca a importância da gestão eficiente dos recursos humanos e da infraestrutura adequada como fatores críticos para a viabilidade econômica das AFRs. Utilizando uma metodologia descritivo-exploratória, o estudo se baseia em dados do projeto "Análise Socioeconômica das Agroindústrias da BP3", conduzido pela BIOLABORE em parceria com a Itaipu Binacional. Os resultados indicam que infraestruturas agroindustriais maiores tendem a gerar maiores rendas, embora com maiores investimentos iniciais e custos operacionais. Por outro lado, AFRs menores geralmente dependem de fontes de renda fora da fazenda, refletindo a necessidade de diversificação de renda. Os resultados sugerem que, à medida que a infraestrutura e a capacidade de produção aumentam, a dependência de renda externa diminui, posicionando a agroindústria como uma fonte primária de subsistência. Esta pesquisa ressalta o potencial de crescimento em AFRs que investem em infraestrutura aprimorada e gestão de recursos humanos, contribuindo para o desenvolvimento rural e a sustentabilidade. Estudos futuros são recomendados para explorar análises comparativas entre diferentes regiões e o impacto de inovações tecnológicas na eficiência e lucratividade de AFRs.

Palavras-chave: Agroindústrias familiares, desenvolvimento rural, gestão de recursos humanos, infraestrutura, lucratividade.

Área Temática: Custos como ferramenta para o planejamento, controle e apoio as decisões.

1 INTRODUÇÃO

A Organização das Nações Unidas (ONU) destacou a importância da agricultura familiar, proclamando 2014 como o "Ano Internacional da Agricultura Familiar" e a década de 2019-2028 como a "Década das Nações Unidas para a Agricultura Familiar" (FAO, 2019). Esse reconhecimento se deve ao papel crucial da agricultura familiar na produção de alimentos, segurança alimentar e erradicação da pobreza global.

A agricultura familiar é caracterizada pela predominância de trabalho realizado por membros de uma mesma família, que também são proprietários dos meios de produção e responsáveis pela gestão do estabelecimento. Essa forma de organização social e produtiva é essencial para a reprodução e sobrevivência no meio rural brasileiro, influenciando aspectos econômicos, sociais e ambientais (Wanderley, 1999; Abramovay, 2010; Schneider, 2016).

A agroindústria familiar rural (AFR) emerge como um componente importante na dinâmica socioeconômica das áreas rurais, especialmente em contextos onde a agricultura familiar desempenha um papel central na subsistência das comunidades. De acordo com Schneider et al. (2013), a agroindústria deve ser entendida como parte integrante dos estabelecimentos rurais pluriativos, que transcendem a mera produção agrícola e buscam diversificar suas fontes de renda. Mior (2005) define a AFR como uma forma de organização em que as famílias rurais se envolvem na produção, processamento e transformação de seus produtos agrícolas e/ou pecuários, com o objetivo de agregar valor e facilitar a comercialização.

A relevância das AFRs se torna ainda mais evidente diante do aumento da demanda global por alimentos e da necessidade de inovação e eficiência nos sistemas produtivos. A gestão adequada dos recursos humanos e a infraestrutura disponível são fatores determinantes para a rentabilidade dessas agroindústrias. Estudos como os de Agne e Waquil (2011) e Bortoluzzi (2013) ressaltam que a agroindústria familiar não apenas gera emprego e renda, mas também contribui para a permanência das famílias no campo, especialmente de jovens e mulheres, promovendo a redução do êxodo rural e a melhoria da qualidade de vida.

Assim, surge a problemática: Qual é o impacto do tamanho da infraestrutura agroindustrial e da alocação de recursos humanos na rentabilidade das Agroindústrias Familiares Rurais (AFR) em pequenas propriedades rurais da Região Oeste do Paraná?

Neste contexto, o presente artigo busca explorar a relação entre o tamanho da infraestrutura agroindustrial e a alocação de recursos humanos na rentabilidade das AFRs em pequenas propriedades rurais. A análise se fundamenta em dados coletados de agroindústrias na região Oeste do Paraná, com o intuito de identificar práticas de gestão que possam potencializar o desenvolvimento sustentável e a viabilidade econômica dessas iniciativas. A compreensão dessas dinâmicas é essencial para formular políticas públicas que apoiem a agroindústria familiar, promovendo a inclusão social e o fortalecimento das economias locais.

O artigo está dividido em cinco seções. A primeira seção traz o objetivo, justificativa e a estrutura. Na segunda seção, apresentam-se os conceitos sobre agricultura familiar e agroindústrias familiares. A terceira seção traz os procedimentos metodológicos do artigo. Na quarta seção, apresenta-se o perfil dos recursos humanos nas agroindústrias familiares rurais do Oeste do Paraná. A quinta seção apresenta as considerações finais, seguida das referências bibliográficas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico do texto aborda a agroindustrialização e suas implicações nas transformações do sistema agroalimentar, destacando a importância das agroindústrias familiares rurais (AFR) na geração de valor e renda para as famílias no campo. Ele apresenta conceitos fundamentais sobre a agricultura familiar e as características das agroindústrias familiares, conforme discutido por diversos autores.

2.1 Agroindústrias Familiares Rurais (AFRs)

O tema da agroindustrialização está presente nas discussões sobre as transformações recentes no sistema agroalimentar e na agregação de valor aos produtos agropecuários. O interesse na agroindústria rural se justifica pelo fato de que ela deve ser compreendida como um componente dos estabelecimentos rurais pluriativos, que vão além da economia agrícola (Schneider et al., 2013). A agroindústria familiar rural, conforme descrito por Mior (2005), é uma forma de organização em que a família rural se envolve na produção, processamento e/ou transformação de parte de sua produção agrícola e/ou pecuária, com o objetivo principal de gerar valor de troca por meio da comercialização. Embora o processamento e a transformação de alimentos geralmente ocorram na cozinha das agricultoras, a agroindústria familiar rural representa um novo espaço e empreendimento social e econômico (Mior, 2005).

As agroindústrias familiares rurais (AFR) são uma estratégia fundamental para a reprodução socioeconômica na agricultura familiar, promovendo a geração de emprego e renda, além de incentivar a permanência das famílias no campo, especialmente jovens e mulheres. Essas agroindústrias contribuem para a agregação de valor aos produtos locais, preservação ambiental, melhoria da qualidade de vida dos agricultores e redução

do êxodo rural (Agne & Waquil, 2011; Bortoluzzi, 2013; Fernandes & Engel, 2016; Spanevello et al., 2019).

O aumento no consumo mundial de alimentos tem exigido maior sinergia do setor agrícola, o que demanda que o segmento agroindustrial aperfeiçoe seus sistemas produtivos e técnicas de gestão para atender à crescente demanda. Nesse contexto, uma boa gestão permite que os produtores rurais desenvolvam o setor agropecuário, e o uso de ferramentas de gestão pode contribuir significativamente nessa tarefa, promovendo melhorias nas condições socioeconômicas, decisões estratégicas e avanços na atividade produtiva (Farias et al., 2013). Quando aplicadas adequadamente, essas ferramentas podem gerar maiores lucros na atividade (Roberti & Santana, 2013).

2.2 As agroindústrias familiares rurais na mesorregião Oeste do Paraná

No Oeste do Paraná, a agroindústria é uma atividade que veio junto com a colonização dos municípios. Os imigrantes, em sua maioria, provinham do Norte e do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, e das regiões Oeste, Noroeste e Sudoeste do Estado de Santa Catarina, e mantiveram seus costumes culturais, práticas de ajuda mútua, atividades familiares e o trabalho associativo, de suas origens europeias, principalmente alemães e italianos, dessa forma, povoando e promovendo o desenvolvimento da região (Carvalho, 2010; Karnopp *et al.*, 2016).

Ao se instalarem na região, os imigrantes mantiveram as características de produtores familiares e pequenos comerciantes, e no início a produção se restringia a agropecuária, por causa do solo fértil e condições climáticas favoráveis ao cultivo. A família participava intensamente do processo, já que precisavam ser autossuficientes, produzindo alimentos e equipamentos para prover a subsistência das famílias que eram numerosas (Carvalho, 2010).

Havia outra preocupação, que era central: guardar alimentos para eventuais períodos de intempéries ou escassez de alimentos, sendo necessário, desenvolver técnicas de conservação. É nesse período que surgiu a técnica de conservação da carne de porco e do chucrute.¹ Também utilizavam técnicas de conservação das frutas (desidratação), para utilizar em outras épocas na preparação de cucas e sobremesas (Karnopp *et al.*, 2016).

Os imigrantes fabricavam produtos variados (queijos, salames, pães, bolachas, açúcar mascavo, doces, geléias), que geravam trocas mercantis (produção-consumo) ou sociais (favores, reciprocidade). Essa circulação de alimentos garantia o consumo diversificado de produtos ao longo do ano entre as famílias das agroindústrias e seus vizinhos (Wesz Junior; Trentin, 2004; Radomski, 2006; Carvalho, 2010). Outro elemento importante era o fato de fabricarem seus próprios equipamentos para o trabalho agrícola. Muitas máquinas e instrumentos de produção eram construídos com a ajuda de parentes e amigos, criando laços sociais entre seus pares (Carvalho, 2010).

As cidades e comunidades rurais foram sendo construídas, no entorno das capelas/igrejas, fortalecendo as relações de reciprocidade entre os agricultores. Os colonos tinham o hábito de comemorar os aniversários, casamentos, feriados, em suas casas nas propriedades rurais, chamando os vizinhos, parentes e amigos, com a intenção de confraternizar e trocar experiências. Assim, acabavam fortalecendo os laços de amizade e as possibilidades de ajuda mútua, quando da necessidade. Passa-se, então, a interagir com a comunidade e desenvolver as atividades ligadas a transformação e

¹ A carne era frita em tachos de ferro e depois colocada em vasilhames, imersa na própria banha resultante do processo de fritura e ali era conservada por meses. O preparo do chucrute (Sauerkraut), se dava utilizando o repolho picado, o qual era prensado em vasilhames em camadas alternadas com sal. Depois de passar por um processo de fermentação, era consumido cru ou cozido no vapor (Karnopp *et al.*, 2016).

processamento dos alimentos que já faziam na sua região de origem (Jackson, 1991; Radomksi; Schneider, 2007; Carvalheiro, 2010).

Foi através dessas redes sociais, que se solidificou e construiu-se os mercados, em um primeiro momento, sem intuito econômico, mas com o passar do tempo e o aprimoramento da produção, passou-se a comercialização. Os mercados têm sua origem nessa agricultura colonial, em que havia a reciprocidade, a troca (Radomksi; Schneider, 2007; Carvalheiro, 2010).

O objetivo inicial era aproveitar melhor a produção e/ou superar a dificuldade em vender o produto *in natura*, como, por exemplo, envazando o leite para venda e o excedente, utilizando na produção de queijo, nata, manteiga, ou ainda, as galinhas poedeiras, quando já não serviam mais para a produção de ovos, assim, como o aproveitamento de frutas e legumes da época para fazer doces e conservas (Brito, 2005; Carvalheiro, 2010).

Esse contexto operativo remete a identificação com a agricultura familiar, relacionando-se com os mercados locais e outros atores do espaço inserido (Wesz Junior; Trentin, 2004). Com o tempo, passou a ter apoio de alguns órgãos (CAPA, EMATER, SENAR etc.), demonstrando a importância da extensão rural e assistência técnica para os agricultores, podendo chamar de laços fortes, como apresenta Granovetter (1995), que ainda perpetuam e contribuem para o desenvolvimento desses empreendimentos.

A agroindústria familiar, ao ser valorizada no meio rural passa a ser uma estratégia de reprodução social, pois traz oportunidades de agregação de valor na produção das famílias rurais, gerando renda e empregos àqueles produtores que optam pelas atividades de transformação das matérias primas que já produzem (Pelegrini; Gazzola, 2008; Carvalheiro, 2010; Mattei, 2015).

3 – METODOLOGIA

Com o intuito de estudar a agroindústria familiar rural nos municípios da região Oeste do Paraná, quanto aos objetivos, a presente pesquisa é caracterizada como exploratória-descritiva (GIL, 2010). As informações encontram-se no “Projeto Análise socioeconômica das Agroindústrias da BP3”, da BIOLABORE em conjunto com a Itaipu Binacional, por meio do Projeto Desenvolvimento Rural Sustentável da Itaipu Binacional², do Programa Cultivando Água Boa (ITAIPU). A BP3 - Bacia do Paraná 3, localizada no extremo Oeste do Paraná, e comporta o atendimento a 251 agroindústrias, pela BIOLABORE, através de ATER – Assistência Técnica e Extensão Rural.

A unidade de análise são as agroindústrias familiares rurais, na mesorregião Oeste do Paraná e o conceito utilizado para agroindústrias familiares rurais (AFR) nesse estudo será de Mior (2005): uma forma de organização da agricultura familiar em que o processo de produção de parte da produção agrícola e/ou pecuária da propriedade é feita pela família, com o objetivo de comercialização, abarcando a diversidade das agroindústrias familiares (caseiras, artesanais e de pequeno porte) retratada por Guimarães e Silveira (2007)³.

³ As caseiras são aquelas que priorizam o consumo da família, somente os excedentes para o mercado. Como argumenta Mior (2005), é a transformação dos alimentos na cozinha do agricultor para a constituição de valor de uso. As artesanais, por outro lado, são direcionadas ao mercado local/regional, mas, seguindo a discussão sobre a diferenciação, possuem relações intrínsecas com a agricultura características de uma determinada região e/ou com o saber fazer específico de uma família. Cabe ressaltar que incrementos tecnológicos nessas agroindústrias artesanais podem vir a aumentar a escala de produção ou melhorar condições de higiene no processo, por exemplo, desde que não descaracterizem o processo artesanal de produção e eliminem o diferencial de aparência, aspecto, cheiro e sabor específicos do produto e próprio dos produtores (Guimarães e Silveira, 2007). Por fim, as agroindústrias de

A abordagem se consubstancia em uma análise quantitativa de dados socioeconômicos primários e secundários desse grupo de agroindústrias familiares rurais, extraídas do banco de dados e relatórios da Análise Socioeconômica das agroindústrias familiares rurais da BP3. A BIOLABORE realizou entrevistas, pesquisas, visitas as unidades de agricultura familiar, resultando em informações socioeconômicas sobre a propriedade e a agroindústria, relacionadas às instalações, sobre os meios e formas de produção, espaço de comercialização, dificuldades encontradas, diferenciais dos produtos comercializados e rendas obtidas, entre outras. O trabalho investigativo com os agricultores familiares, proprietários das agroindústrias familiares foi realizado no 4º trimestre de 2019 e primeiro trimestre de 2020.

A análise teve como objetivo organizar os dados de forma ao adequado fornecimento de respostas para os problemas propostos. A primeira etapa, denominada de pré-análise, está dividida em duas etapas: a primeira consiste na realização de uma leitura do material (questionários); a segunda etapa consiste na constituição da amostra, no que diz a respeito ao universo estudado. Do total de 251 propriedades atendidas (população), selecionou-se 168 propriedades, por estas serem com agroindústrias.

Os resultados apresentaram 95% de confiança numa margem de erro de 5%, conforme a Fórmula 1 como base para cálculo amostral, onde n é a amostra calculada, N é a população, Z a variável normalmente padronizada associada ao nível de confiança, p a verdadeira probabilidade do evento e o erro amostral.

$$n = \frac{N \cdot Z^2 \cdot p \cdot (1 - p)}{Z^2 \cdot p \cdot (1 - p) + e^2 \cdot (N - 1)} \quad (1)$$

Quanto ao tipo de amostra do presente estudo, optou-se por agroindústrias com características de base da agricultura familiar na gestão do empreendimento. Para tanto, não se inserem na amostragem as agroindústrias que não se enquadravam nos critérios referentes à área da propriedade, produção e mão de obra contratada para classificar como agricultura familiar e agroindústria familiar rural.

Quanto à região onde se localizam as agroindústrias, o território da mesorregião Oeste do Paraná, situa-se no terceiro planalto paranaense, estabelecendo fronteira com as repúblicas do Paraguai e Argentina. Abrange uma área de 2.290.859 ha, que corresponde a 11,5% do território estadual. Possui 50 municípios, dentre os quais se destacam Cascavel, Foz do Iguaçu e Toledo, em função de suas dimensões populacionais e níveis de polarização (INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL, 2019). A Figura 2 retrata a localização da região Oeste do Paraná, onde se encontram as agroindústrias, amostra da pesquisa.

pequeno porte são aquelas que surgem de oportunidades de geração de renda, cujos parâmetros de validação legal – para atender mercados regionais ou nacionais – são os mesmos das grandes indústrias e não há nenhum saber fazer específico, mas um apreendido com detentores de conhecimentos na área de tecnologia de alimentos. Para Mior (2005), são empreendimentos socioeconômicos que buscam retorno do investimento, como qualquer atividade econômica (Schinaider *et al.*, 2018).

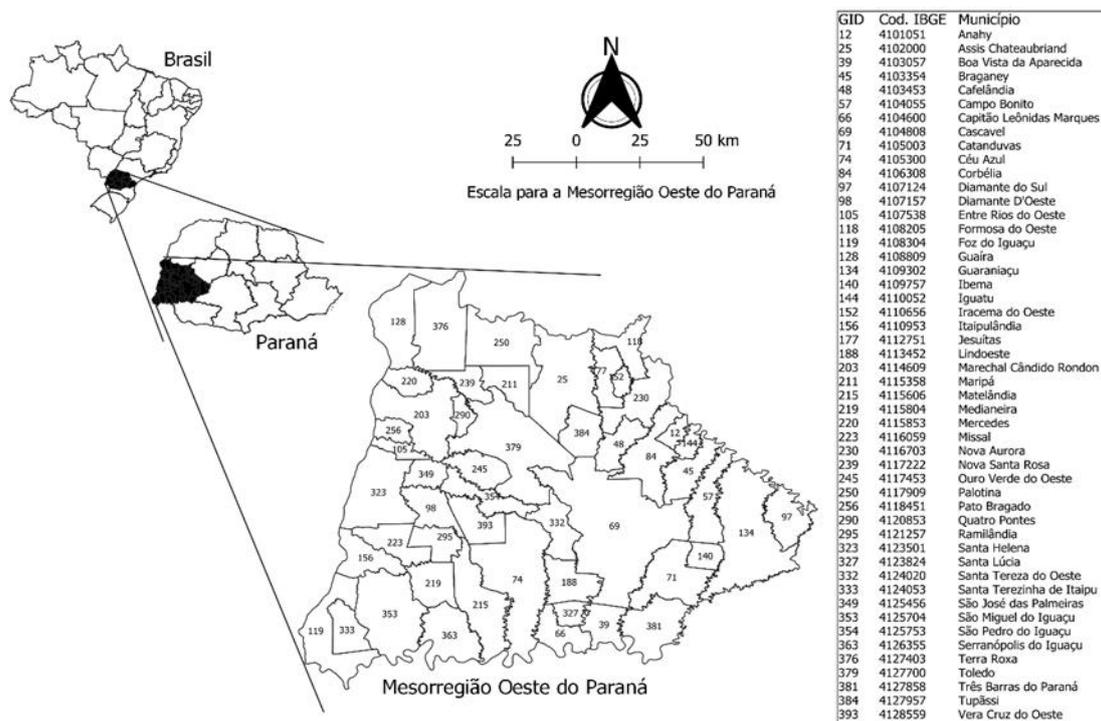


Figura 1 - Figura do Estado do Paraná dividido por mesorregiões

Fonte: IBGE (2019).

Os municípios da amostra são: Cascavel, Céu Azul, Diamante do Oeste, Entre Rios do Oeste, Foz do Iguaçu, Guaira, Itaipulândia, Marechal Cândido Rondon, Matelândia, Medianeira, Mercedes, Missal, Nova Santa Rosa, Ouro Verde do Oeste, Pato Bragado, Palotina, Quatro Pontes, Ramilândia, Santa Helena, Santa Teresa do Oeste, Santa Teresinha de Itaipu, São José das Palmeiras, São Miguel do Iguaçu, São Pedro do Iguaçu, Terra Roxa, Toledo, Vera Cruz do Oeste e Altônia.

4 ANÁLISE DE DADOS

Este capítulo retrata a caracterização das agroindústrias rurais familiares (propriedades e pessoas) num grupo de municípios do Oeste do Paraná. Os dados embasados nos relatórios tratam dos dados de 168 agroindústrias familiares presentes em 28 municípios, atendidas pelo Programa de Desenvolvimento Rural Sustentável – Projeto cultivando Água Boa da ITAIPU BINACIONAL em convênio com a BIOLABORE.

Contempla as peculiaridades e procedimentos da infraestrutura e recursos humanos das 168 agroindústrias familiares da pesquisa. A Tabela 1 ilustra os municípios e o quantitativo de unidades familiares rurais com agroindústrias, objeto de estudo da pesquisa, constante em cada município.

Tabela 1 - Municípios e Quantidade de Unidades Familiares Rurais (UFR) com Agroindústrias

Município	Quantidade	%
CASCADEL (CA)	23	13,7
DIAMANTE DO OESTE (DO)	4	2,4

ENTRE RIOS DO OESTE (ERO)	2	1,2
MEDIANEIRA (MED)	16	9,5
PATO BRAGADO (PB)	7	4,2
SANTA HELENA (SH)	10	6,0
SÃO JOSÉ DAS PALMEIRAS (SJP)	3	1,8
TERRA ROXA (TR)	3	1,8
GUAÍRA (GUA)	2	1,2
QUATRO PONTES (QP)	2	1,2
CÉU AZUL (CEU)	2	1,2
MATELÂNDIA (MAT)	11	6,5
RAMILÂNDIA (RAM)	3	1,8
SANTA TEREZA DO OESTE (STO)	1	,6
SÃO PEDRO DO IGUAÇU (SPI)	2	1,2
VERA CRUZ DO OESTE (VCO)	3	1,8
MISSAL (MIS)	12	7,1
TOLEDO (TOL)	7	4,2
SÃO MIGUEL DO IGUAÇU (SMI)	3	1,8
FOZ DO IGUAÇU (FOZ)	11	6,5
SERRANÓPOLIS (SER)	8	4,8
ITAIPULÂNDIA (ITA)	4	2,4
SANTA TERESINHA DE ITAIPU (STI)	1	,6
ALTÔNIA (ALT)	8	4,8
MARECHAL CÂNDIDO RONDON (MCR)	8	4,8
MERCEDES (MER)	4	2,4
NOVA SANTA ROSA (NSR)	3	1,8
PALOTINA (PAL)	5	3,0
Total	168	100,0

Fonte: Dados da pesquisa (BIOLABORE, 2020). Dados trabalhados pelos autores.

Contempla a Tabela 2, o tamanho da área e os dados de domínio legal das unidades familiares rurais. Tais constatações se fazem oportunas para o devido enquadramento do agricultor como familiar. O enquadramento seguiu a classificação feita pela DAP⁴ (Declaração de Aptidão ao PRONAF) (Biolabore, 2019). A Declaração de Aptidão ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (DAP) é o instrumento utilizado para identificar e qualificar as Unidades Familiares de Produção Agrária (UFPA) da agricultura familiar e suas formas associativas organizadas em pessoas jurídicas (Brasil, 2020).

Tabela 2 - Identificação do tamanho da área e domínio legal das Unidades Familiares Rurais com Agroindústrias

⁴ A DAP é a Declaração de Aptidão ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, documento de identificação da agricultura familiar que pode ser obtida tanto pela agricultora e agricultor familiar (pessoa física) quanto pelo empreendimento familiar rural como associações, cooperativas, agroindústrias (pessoa jurídica) (BRASIL, 2020).

Tamanho da Área	Unidades Familiares Rurais (UFR)	%	Área por domínio legal para composição das Unidades Familiares Rurais (UFR)					
			Área própria	Área arrendada de terceiros	Área arrendada pela qual o produtor nada paga pelo uso	Área cedida para terceiros	Total	%
0 a 5 há	76	45,2	70	3	2	2	77	44,00
6 a 10 há	33	19,6	30	2	1	4	37	21,14
11 a 15 há	25	14,9	25	0	2	0	27	15,43
16 a 20 há	13	7,7	13	0	0	0	13	7,43
21 a 25 há	6	3,6	6	0	0	0	6	3,43
26 a 30 há	6	3,6	5	1	0	0	6	3,43
31 a 35 há	4	2,4	3	0	0	1	4	2,29
36 a 40 há	2	1,2	2	0	0	0	2	1,15
46 a 50 há	1	0,6	1	0	0	0	1	0,57
51 a 55 há	1	0,6	1	0	0	0	1	0,57
61 a 65 há	1	0,6	1	0	0	0	1	0,57
Total	168	100,0	157	6	5	7	175	100,00
%			89,70%	3,40%	2,90%	4,00%	100,00%	

*O número de citações é maior que o número de agroindústrias, devido as respostas múltiplas.

Fonte: Dados da pesquisa (BIOLABORE, 2020). Dados trabalhados pelos autores.

As agroindústrias das unidades familiares rurais, objeto do estudo, identificadas na Tabela 3, foram fundadas a menos de uma década, o que caracteriza a atenção para agregar valor aos produtos produzidos, pelas UFR. Neste sentido, as agroindústrias familiares rurais caracterizam-se como uma reconfiguração do produto colonial produzido pela agricultura familiar, pois quando o produto colonial passa a ser processado pelas agroindústrias, se torna um produto de maior valor e com possibilidade de gerar maior renda para as famílias (Mior, 2005).

A Tabela 3 apresenta os tipos de produtos processados nas agroindústrias familiares, com significativa diversidade da produção e, em alguns casos, com atuação em mais de um segmento. O aproveitamento dos recursos da propriedade, como matéria prima, somado aos conhecimentos adquiridos e herdados de antepassados, agregam valor aos produtos por meio da agroindustrialização. Os produtos mais produzidos nas agroindústrias são os panificados (pães, bolachas e cucas) representando (41,5%) dos produtos, seguido pelos derivados de leite, que representam 13,3% e as massas, que somam 10,2%, demonstrando o forte trabalho feminino nas AFRs.

Tabela 3 - Produtos processados nas AFR

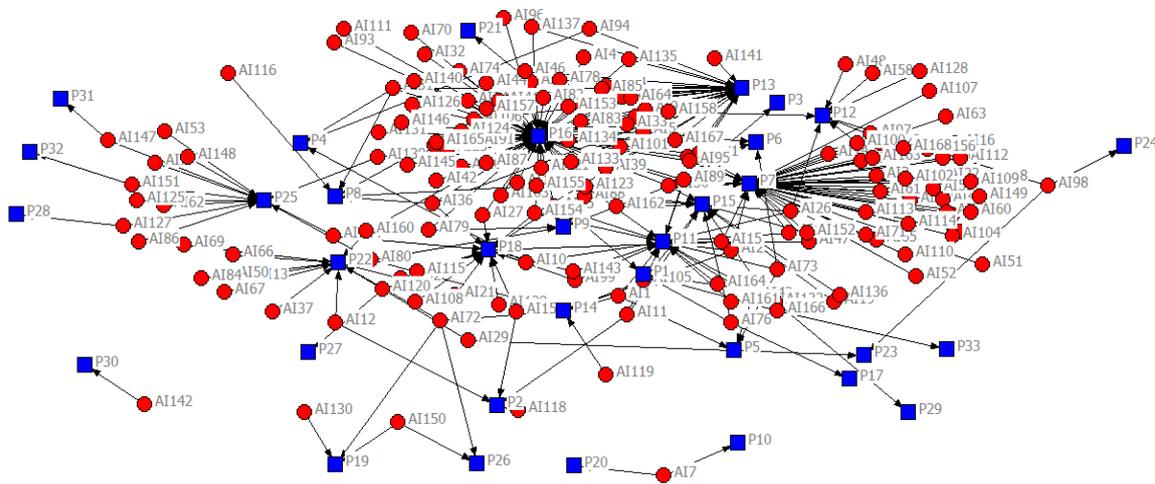
Produto	Total	%	Produto	Total	%	Produto	Total	%
Pães	118	18,7	Leite	7	1,1	Tapioca	2	0,3
Bolachas	80	12,7	Derivados de Amendoim	7	1,1	Vinagre	2	0,3
Cucas	64	10,1	Torresmo	6	1,0	Frutas congeladas	2	0,3
Queijo colonial	45	7,1	Açúcar Mascavo	5	0,7	Ricota	2	0,3
Doce de frutas	26	4,1	Requeijão	5	0,7	Milho verde descascado e embalado	1	0,2
Salgados	24	3,8	Banha	5	0,7	Peixe – filé	1	0,2
Embutidos de Carne	21	3,3	Cachaça	4	0,6	Fubá	1	0,2
Mandioca descascada e embalada	21	3,3	Mel	4	0,6	Paçoca de Nozes	1	0,2

Frango	20	3,2	Rapadura de melado	4	0,6	Macarrão Orgânico	1	0,2
Bolos	18	2,9	Licor	4	0,6	Farofa Caseira	1	0,2
Macarrão	18	2,9	Doces	4	0,6	Colorau	1	0,2
Massas Salgadas	14	2,2	Sucos	4	0,6	Farinha de mandioca	1	0,2
Massas Doces	12	2,0	Conservas caseiras	4	0,6	Café	1	0,2
Melado	11	1,7	Vinho	3	0,5	Couve fatiada	1	0,2
Polpa de frutas	11	1,7	Doce de Leite	3	0,5	Alho	1	0,2
Queijos diversos	11	1,7	Carne suína	3	0,5	Extrato de tomate	1	0,2
Manteiga	10	1,6	Carne bovina	2	0,3	Pipoca	1	0,2
Nata	10	1,6	Iogurte	2	0,3	Total	631	100

*O número de citações é maior que o número de agroindústrias, devido as respostas múltiplas.

Fonte: Dados da pesquisa (BIOLABORE, 2020). Dados trabalhados pelos autores.

A rede produtiva dos produtos, da Figura 1 abaixo, destaca a maior incidência de produção e determinado produto ou de algum derivado, para o processo de produção/industrialização, redes estas destacadas pelos ícones azuis enquanto os ícones vermelhos são as UFR, onde se produz ou processa os produtos destacados nos ícones azuis. Assim, quanto maior inferência aos ícones azuis pela UFR estacadas em vermelho, significa que tais produtos são mais produzidos e assim, as competências, disponibilidade de matéria prima entre outros favorecem a produção deles.



AI01 a AI168 – Agroindústrias	P17 – Rapadura
P1 - Açúcar mascavo	P18 - Sucos e polpas
P2 – Cachaça	P19 – Vinho
P3 – Colorau	P20 - Frango semi-caipira
P4 - Conserva de frutas	P21 -Rapadura de melado
P5 - Conserva de hortaliças	P22 – Frangos
P6 - Derivados de amendoim	P23 - Carne bovina
P7 - Derivados do leite	P24 - Carne suína
P8 - Derivados da mandioca	P25 – Mandioca descascada e embalada
P9 - Derivados do milho	P26 – Vinagre
P10 - Derivados da noz pecan	P27 – Peixes
P11 - Doces, geléias e schimiers	P28 - Milho verde descascado e embalado
P12 - Embutidos de carne	P29 - Frutas congeladas
P13 – Massas	P30 – Café
P14 – Mel	P31 - Couve fatiada
P15 – Melado	P32 – Alho
P16 – Panificados	P33 – Pipoca

Figura 2 - Rede de produção das AFR

*O número de citações é maior que o número de agroindústrias, devido as respostas múltiplas, ou seja, alguns desenvolvem mais de uma atividade produtiva/agroindustrial.

Fonte: Dados da pesquisa (BIOLABORE, 2020). Dados trabalhados pelos autores.

Na Tabela 4, apresentam-se os dias dedicados à atividade agroindustrial, Do total de 524 membros, 147 não se dedica a atividade agroindustrial, sendo que alguns atuam apenas na atividade agrícola, outros têm atividade extra-agropecuária, além do número de membros abaixo dos 14 anos, que não desempenha nenhuma atividade, já que se encontra em idade escolar.

Tabela 4 - Dias dedicados a atividade agroindustrial vs gênero

Dias dedicados a atividade agroindustrial	Gênero				Total	
	Masculino	%	Feminino	%	Total	%
De 1 a 2 dias na semana	48	12,9	60	16,1	108	29,0
De 3 a 4 dias na semana	35	9,5	51	13,6	86	23,1
De 5 a 6 dias na semana	65	17,5	109	29,6	174	47,1
Dedica os 7 dias da semana	1	0,2	3	0,6	4	0,8
Total	149	40,1	223	59,9	372	100,0

Fonte: Dados da pesquisa (BIOLABORE, 2020). Dados trabalhados pelos autores.

Quanto à dedicação da mão de obra dos membros na atividade agroindustrial em relação a faixa etária, conforme a Tabela 32, identificou-se que são vários dias da semana dedicados a atividade agroindustrial, com destaque para o trabalho em de 05 a 06 dias da semana (47,10%) e um quantitativo maior de mulheres na atividade (59,9%). Rocha, Dolabeneta, Favero e Rojo (2018), em um artigo sobre a importância do associativismo rural para a agricultura familiar, apontam a importância da participação da mulher na gestão dos empreendimentos rurais, pois elas contribuem com o aumento da rentabilidade e uma melhor qualidade de vida para a família.

Quanto à mão de contratada, pode-se verificar na Tabela 5 que as propriedades rurais analisadas retratam características da agricultura familiar, em que a família trabalha na propriedade. A grande maioria (89,3%), não contrata mão de obra externa e a quantidade de mão de obra contratada externa (10,7%), não é representativa, embora a maior parte dos contratados trabalhe quase o ano todo na propriedade (8,4%).

Tabela 5- Mão de obra Contratada nas AFR

MOB contratada	Quantidade	%	Contratação dias/ano	Quantidade	%
Sim	18	10,7	Não contrata	150	89,3
Não	150	89,3	48 dias/ano	1	0,6
TOTAL	168	100,0	72 dias/ano	1	0,6
Qtde contratada	Frequência	%	120 dias/ano	2	1,2
Não contrata	150	89,3	192 dias/ano	6	3,6
1 contratação	11	6,5	240 dias/ano	8	4,8
2 contratações	5	3,0	TOTAL	168	100,0
4 contratações	1	0,6			
5 contratações	1	0,6			
TOTAL	168	100,0			

Fonte: Dados da pesquisa (BIOLABORE, 2020). Dados trabalhados pelos autores.

Redin (2011), afirma que as pequenas UFR, às vezes, não conseguem manter funcionários o ano todo nas propriedades, devido aos custos trabalhistas e burocracia para contratação, assim como, existem a sazonalidade das culturas ou atividades agrícolas, permitindo que na maioria do período a própria família consiga manter-se com a própria mão de obra de seus membros. O alto custo da mão de obra pode ser fator determinante nas escolhas e quantificações das atividades para as safras anuais.

4.2 Os Recursos Humanos nas UFR e AFR

Para efeito de fatores de produção, entre os 524 membros das 168 AFR, 372 dedicam sua mão de obra para as agroindústrias, mas com dedicação exclusiva com no mínimo 5 dias são 37 membros, com 6 dias (137) e 7 dias outros 4 membros, ou seja, a dedicação com 5 dias ou mais faz parte de 178 (34%) dos membros. Os outros 147 membros não desempenham nenhuma atividade nas agroindústrias, entretanto, considerando que 46 são menores de 14 anos, e/ou possuem outras formas de dedicação parcial em atividades agropecuárias, conforme a Tabela 23 e/ou atividades extra-agrícolas.

A Tabela 6 espelha a realidade considerada nas agroindústrias pelas suas dimensões, tamanho das propriedades em que estão inseridas e os dias trabalhados, por semana, nas agroindústrias.

Tabela 6 - Área da propriedade, dimensões das AFR e quantidade de dias trabalhados nas AFR

Área e quantidade de dias trabalhados nas AFR	Até 50 m ²	De 50 a 100 m ²	Acima de 100 m ²	Total
0 a 5 há	160	59	17	236
1 a 2 dias/sem	41	11		52
De 3 a 4 dias na semana	37	8	3	48
De 5 a 6 dias na semana	34	24	11	69
Dedica os 7 dias da semana		1		1
Não dedica mão de obra à agroindústria	48	15	3	66
6 a 10 há	43	50	12	105
De 1 a 2 dias na semana	6	12	6	24
De 3 a 4 dias na semana	9	8		17
De 5 a 6 dias na semana	13	18	6	37
Não dedica mão de obra à agroindústria	15	12		27
11 a 15 há	37	15	9	61
De 1 a 2 dias na semana	6	2	2	10
De 3 a 4 dias na semana	6	3	3	12
De 5 a 6 dias na semana	17	5	3	25
Dedica os 7 dias da semana	1			1
Não dedica mão de obra à agroindústria	7	5	1	13
16 a 20 há	23	6	17	46
De 1 a 2 dias na semana	5		4	9
De 3 a 4 dias na semana	3	2	3	8
De 5 a 6 dias na semana	5	4	1	10
Dedica os 7 dias da semana			2	2

Não dedica mão de obra à agroindústria	10		7	17
21 a 25 há	9	3	2	14
De 1 a 2 dias na semana	1	1	2	4
De 5 a 6 dias na semana	6	2		8
Não dedica mão de obra à agroindústria	2			2
26 a 30 há	14	4	9	27
De 1 a 2 dias na semana	2			2
De 3 a 4 dias na semana	1		1	2
De 5 a 6 dias na semana	3	4	6	13
Não dedica mão de obra à agroindústria	8		2	10
31 a 35 há		9	4	13
De 1 a 2 dias na semana		2		2
De 3 a 4 dias na semana		2	1	3
De 5 a 6 dias na semana		5	3	8
36 a 40 há			10	10
De 1 a 2 dias na semana			3	3
De 3 a 4 dias na semana			2	2
De 5 a 6 dias na semana			2	2
Não dedica mão de obra à agroindústria			3	3
46 a 50 há		4		4
De 5 a 6 dias na semana		1		1
Não dedica mão de obra à agroindústria		3		3
51 a 55 há	5			5
De 5 a 6 dias na semana	1			1
Não dedica mão de obra à agroindústria	4			4
61 a 65 há	3			3
De 5 a 6 dias na semana	1			1
Não dedica mão de obra à agroindústria	2			2
Total Geral	294	150	80	524

Fonte: Dados da pesquisa (BIOLABORE, 2020). Dados trabalhados pela autora

Com base nos dados fornecidos na Tabela 6, pode-se analisar a distribuição da mão de obra dedicada nas Agroindústrias Familiares Rurais (AFR) em diferentes tamanhos de áreas e quantidade de dias trabalhados, o que influencia diretamente nos custos de mão de obra. A maior concentração de unidades AFR está em áreas de até 50 m², com 294 unidades (56,1% do total). À medida que as áreas aumentam, o número de unidades AFR diminui, com apenas 3 unidades em áreas de 61 a 65 hectares (0,6% do total). Em áreas menores (até 50 m²), a maior parte da mão de obra é dedicada em tempo parcial, com 52 unidades trabalhando de 1 a 2 dias por semana. Contudo, 66 unidades (22,4% desse grupo) não dedicam mão de obra diretamente à agroindústria, o que pode ser um indicativo de que essas AFRs dependem menos de mão de obra intensiva ou terceirizam essa etapa.

Conforme o tamanho da área aumenta, há uma tendência crescente de dedicação maior de dias à agroindústria. Em áreas de 16 a 20 hectares, por exemplo, 21,7% das unidades dedicam de 5 a 6 dias por semana ao trabalho, o que sugere um aumento nos custos de mão de obra à medida que a operação se expande.

A tendência de maior dedicação se reflete mais fortemente em áreas de 36 a 40 hectares, onde 50% das unidades dedicam de 5 a 6 dias por semana, destacando uma intensificação do trabalho, o que implicaria em maiores custos com salários, benefícios e possivelmente em maiores necessidades de gestão de pessoal.

Em relação aos custos Relacionados à Mão de Obra em áreas menores (até 50 m²) há menor dedicação de dias e maior porcentagem de unidades que não dedicam mão de obra diretamente. Isso sugere menores custos com mão de obra, mas pode implicar em menor produção ou eficiência.

Nas áreas intermediárias (50 a 100 m²) há um aumento na dedicação de dias trabalhados, com 32% das unidades trabalhando entre 5 a 6 dias por semana. Esses dados indicam custos de mão de obra mais elevados e, possivelmente, uma maior necessidade de gestão eficiente para equilibrar esses custos com a produtividade. As áreas maiores (acima de 100 m²) tendem a ter uma dedicação significativa de mão de obra, com várias unidades trabalhando 5 a 6 dias por semana. Isso pode resultar em custos de mão de obra substancialmente mais altos, necessitando de uma gestão mais rigorosa para garantir que o aumento de custos seja compensado por uma maior produção ou margens de lucro.

As unidades em áreas maiores, dedicando mais dias à produção, podem estar buscando economias de escala. No entanto, isso também aumenta os custos fixos e variáveis, como salários e benefícios, que devem ser geridos cuidadosamente. Para AFRs menores, onde a mão de obra não é tão intensamente dedicada, os custos são mais baixos, mas isso também pode significar menor capacidade produtiva e menos eficiência. Em áreas maiores, os custos são mais elevados, mas isso pode ser justificado se a produção for suficiente para compensar esses custos.

Essa análise sugere que a gestão eficiente da mão de obra é importante para manter os custos sob controle e garantir a viabilidade econômica das AFRs, especialmente à medida que a escala de produção aumenta.

Com relação à rentabilidade, a qual faz parte da Tabela 7, é possível verificar os diversos comportamentos e resultados, em todos os segmentos, mas o foco ficou nos menores módulos de área da propriedade e de suas agroindústrias, por contemplar o maior número de AFR da amostra.

Tabela 7 - Dados Área, Níveis de Renda e quantidade de membros AFR

Área de 0 a 5 hectares – 50 m² Agroindústria

Dados Renda - área e área AFR	0 a 5 há – 50 m – Até R\$ 20.000			0 a 5 há – 50 m – R\$ 20.000 a R\$ 50.000			0 a 5 há – 50 m – R\$ 50.000 a R\$ 100.000		
Nº AFR - membros	Nº AFR	Membros	Renda Extra agrícola	Nº AFR	Membros	Renda Extra agrícola	Nº AFR	Membros	Renda Extra agrícola
	1	1	-	5	2	3	2	2	1
	7	2	4	6	3	2			
	7	3	3	5	4	1			
	1	4	1	2	5	1			
	3	5	2	2	6	-			
Total	19			20			2		

Dados Renda - área e área AFR	0 a 5 há – 50 m – R\$ 100.000 a R\$ 200.000			0 a 5 há – 50 m – Acima de R\$ 300.000		
Nº AFR - membros	Nº AFR	Membros	Renda Extra agrícola	Nº AFR	Membros	Renda Extra agrícola
	2	3	1	1	3	-

	3	4	3			
	2	5	-			
Total	7			1		

Área de 0 a 5 hectares – De 50 a 100 m² Agroindústria

Dados Renda - área e área AFR	0 a 5 há – de 50 a 100 m – R\$ 20.000			0 a 5 há – de 50 a 100 m – R\$ 20.000 a R\$ 50.000			0 a 5 há – de 50 a 100 m – R\$ 50.000 a R\$ 100.000		
Nº AFR membros	AFR	Membros	Renda Extra agrícola	AFR	Membros	Renda Extra agrícola	AFR	Membros	Renda Extra agrícola
	3	2	1	5	2	3	2	2	-
	1	3	-	1	3	1	3	4	2
				1	5	1			
				1	6	1			
Total	4			8			5		

Dados Renda - área e área AFR	0 a 5 há – de 50 a 100 m – R\$ 100.000 a R\$ 200.000			0 a 5 há – de 50 a 100 m – Acima de R\$ 300.000		
Nº AFR membros	AFR	Membros	Renda Extra agrícola	AFR	Membros	Renda Extra agrícola
	3	2	-	1	4	-
Total	3			1		

Área de 0 a 5 hectares – Acima de 100 m² Agroindústria

Dados Renda - área e área AFR	0 a 5 há – acima de 100 m – R\$ 50.000 a R\$ 100.000			0 a 5 há – acima de 100 m – R\$ 100.000 a R\$ 200.000			0 a 5 há – acima de 100 m – R\$ 200.000 a R\$ 300.000			0 a 5 há – acima de 100 m – Acima de R\$ 300.000		
Nº AFR membros	AFR	Membros	Renda Extra agrícola	AFR	Membros	Renda Extra agrícola	AFR	Membros	Renda Extra agrícola	AFR	Membros	Renda Extra agrícola
	1	4	-	1	3	-	1	2	1	1	1	-
							1	4	-	1	3	-
Total	1			1			2			2		

Fonte: Dados da pesquisa (BIOLABORE, 2020). Dados trabalhados pela autora

A análise dos dados fornecidos sobre as Agroindústrias Familiares Rurais (AFR) em áreas de 0 a 5 hectares, com diferentes tamanhos de infraestrutura, pode ser dividida em três categorias principais: renda, custo e recursos humanos.

A distribuição da renda das AFRs varia significativamente conforme o tamanho da infraestrutura agroindustrial. Dentro do extrato das AFRs com até 50 m², a maioria das AFRs (19 unidades) tem uma renda anual de até R\$ 20.000. Nessa faixa, o número de membros nas famílias é pequeno, e uma parte dessas AFRs tem renda extra-agrícola, o que sugere que a atividade agroindustrial não é suficiente para sustentar completamente as famílias. Um número menor de AFRs (7 unidades) tem rendas entre R\$ 100.000 a R\$ 200.000, e uma única AFR alcança uma renda acima de R\$ 300.000. Isso pode indicar uma melhor gestão ou diversificação das atividades agroindustriais.

A faixa de R\$ 20.000 a R\$ 50.000 é a mais comum (8 AFRs), com uma maior concentração de membros, o que pode indicar uma maior contribuição familiar no trabalho. Há também 5 AFRs com rendas entre R\$ 50.000 e R\$ 100.000. Apenas 4 AFRs (3 unidades entre R\$ 100.000 a R\$ 200.000 e 1 unidade acima de R\$ 300.000) alcançam rendas mais elevadas, o que pode estar relacionado a uma infraestrutura mais desenvolvida e melhor administração.

Na categoria acima de 100 m² as AFRs são distribuídas em faixas de renda mais altas, com 2 unidades na faixa de R\$ 200.000 a R\$ 300.000 e outras 2 acima de R\$ 300.000. Isso reflete que infraestruturas maiores estão associadas a rendas mais elevadas, o que pode ser devido a maior capacidade de produção e comercialização. Na Infraestrutura menor (até 50 m²), as AFRs nesta categoria, majoritariamente com renda mais baixa, provavelmente enfrentam menores custos de produção, mas isso também limita seu potencial de geração de receita. Investimentos em infraestrutura e tecnologia podem ser limitados, o que restringe a capacidade de crescimento e aumento de rentabilidade.

Na Infraestrutura intermediária (50 a 100 m²) o aumento na infraestrutura está associado a uma maior capacidade de produção e, possivelmente, a maiores custos operacionais. No entanto, essas AFRs mostram um potencial maior de renda, o que pode compensar os custos adicionais. Na Infraestrutura maior (acima de 100 m²) as AFRs com áreas maiores tendem a ter custos operacionais mais elevados, incluindo mão de obra, insumos, e manutenção de equipamentos. No entanto, esses custos podem ser compensados por uma maior produção e, conseqüentemente, maiores receitas.

Quanto aos recursos humanos na infraestrutura menor (até 50 m²) o número de membros envolvidos tende a ser menor, com a maioria das AFRs empregando entre 1 a 4 membros. Isso pode refletir a necessidade limitada de mão de obra devido à menor escala de operação. Na Infraestrutura intermediária (50 a 100 m²) há um aumento no número de membros envolvidos, com algumas AFRs empregando até 6 membros. Isso sugere que, à medida que a infraestrutura e a capacidade de produção aumentam, há uma maior demanda por trabalho familiar. Quanto a infraestrutura maior (acima de 100 m²) as AFRs nesta categoria têm, em geral, entre 4 e 6 membros envolvidos, o que reflete a necessidade de uma força de trabalho maior para operar uma infraestrutura mais complexa e em maior escala.

Em relação à dependência de renda extra-agrícola, nas AFRs com infraestrutura menor, a dependência de renda extra-agrícola é mais visível, especialmente nas faixas de renda mais baixa. Isso indica que a atividade agroindustrial, por si só, não é suficiente para sustentar a família, o que leva à diversificação de fontes de renda.

Nas AFRs com infraestruturas maiores, especialmente aquelas com rendas superiores a R\$ 100.000, há uma redução significativa na dependência de renda extra-agrícola, sugerindo que a agroindústria se torna uma fonte principal de sustento, reduzindo a necessidade de diversificação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como objetivo identificar o impacto do tamanho da infraestrutura agroindustrial e da alocação de recursos humanos na rentabilidade das Agroindústrias Familiares Rurais (AFR) em pequenas propriedades rurais.

A análise do impacto do tamanho da infraestrutura agroindustrial e da alocação de recursos humanos na rentabilidade das Agroindústrias Familiares Rurais (AFR) em pequenas propriedades rurais revela insights significativos sobre a dinâmica econômica dessas unidades produtivas. Observou-se que o aumento da infraestrutura, especialmente em áreas superiores a 100 m², tende a resultar em maiores rendimentos, embora também exija investimentos iniciais e custos operacionais mais elevados. A gestão eficiente dos recursos humanos se mostra crucial, pois a alocação adequada de mão de obra pode maximizar a produção e, conseqüentemente, a rentabilidade.

Além disso, a pesquisa indicou que as AFRs menores, com infraestrutura limitada, frequentemente dependem de fontes de renda extra-agrícola, refletindo a necessidade de diversificação para sustentar a família. À medida que a infraestrutura e a

capacidade de produção aumentam, a dependência de renda extra diminui, sugerindo que a agroindústria pode se tornar a principal fonte de sustento.

Portanto, a combinação de uma infraestrutura adequada e uma gestão eficaz dos recursos humanos é fundamental para garantir a viabilidade econômica das AFRs. As agroindústrias que investem em melhorias estruturais e na capacitação de sua força de trabalho têm um potencial de crescimento mais significativo, contribuindo não apenas para a rentabilidade, mas também para a permanência das famílias no campo e a promoção do desenvolvimento rural sustentável. Assim, a pesquisa reforça a importância de políticas públicas que incentivem o fortalecimento das AFRs, promovendo a agroindustrialização como uma estratégia vital para a agricultura familiar.

Uma limitação do estudo pode ser a restrição geográfica e amostral, uma vez que a pesquisa se concentrou exclusivamente nas Agroindústrias Familiares Rurais (AFR) do Oeste do Paraná. Essa limitação pode restringir a generalização dos resultados para outras regiões do Brasil ou para diferentes contextos agroindustriais.

Uma sugestão para estudos futuros seria realizar uma pesquisa comparativa entre as Agroindústrias Familiares Rurais (AFR) de diferentes regiões do Brasil, analisando como variáveis como cultura local, acesso a mercados, políticas públicas e características socioeconômicas influenciam a rentabilidade e a gestão de recursos humanos. Essa abordagem permitiria identificar práticas bem-sucedidas e desafios específicos enfrentados por AFRs em contextos variados, contribuindo para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes e adaptadas às necessidades locais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abramovay, R. (2010). **Agricultura familiar e sustentabilidade: estratégias para a conservação ambiental e a melhoria da qualidade de vida no meio rural**. In R. Schneider, J. L. Niederle, R. Muller (Eds.), *Agricultura Familiar, Trabalho e Inovação* (pp. 17-35). Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Agne, S. A., & Waquil, P. D. (2011). **A inserção das agroindústrias familiares nos mercados: um estudo de caso no RS**. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 49(3), 747-764. <https://doi.org/10.1590/S0103-20032011000300011>
- Bortoluzzi, S. C. (2013). **Agroindústria familiar: uma estratégia de reprodução da agricultura familiar no RS**. *Revista Brasileira de Agroecologia*, 8(2), 125-139.
- Brito, M. A. de S. (2005). **O saber tradicional e a produção de alimentos em agroindústrias familiares no Rio Grande do Sul**. *Revista Brasileira de Agroecologia*, 1(2), 37-43.
- Carvalho, N. (2010). **História das agroindústrias familiares no oeste do Paraná**. Toledo: Gráfica e Editora Popular.
- Fernandes, B., & Engel, G. (2016). **Agroindústrias familiares: um estudo sobre a sua importância e desafios no Brasil**. *Revista Cadernos de Ciência & Tecnologia*, 33(2), 231-245. <https://doi.org/10.35977/0104-1096.cct2016.v33.23290>
- Farias, R. P., Silva, E. M., & Souza, A. C. R. (2013). **A gestão em pequenas agroindústrias familiares: um estudo no município de Campinas do Sul - RS**. *Revista de Administração e Negócios*, 15(3), 77-94.
- Granovetter, M. (1995). *Getting a job: A study of contacts and careers*. University of Chicago Press.

- Guimarães, M. B., & Silveira, L. R. (2007). **A agroindústria familiar rural e suas contribuições para o desenvolvimento local e sustentável.** *Revista de Desenvolvimento Regional*, 9(1), 35-49.
- Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. (2019). *Paraná em números: 2019*. Curitiba: IPARDES.
- Jackson, J. B. (1991). *A sense of place, a sense of time*. Yale University Press.
- Karnopp, R. M., Schneider, S., & Schmitt, C. J. (2016). **Imigração e agricultura familiar: a construção de identidades culturais e o papel das agroindústrias familiares no Oeste do Paraná.** *Revista Brasileira de História*, 36(72), 117-138. <https://doi.org/10.1590/1806-93472016v36n72-07>
- Mattei, L. (2015). **O papel das agroindústrias familiares no desenvolvimento sustentável das regiões rurais.** *Revista de Política Agrícola*, 24(3), 53-65.
- Mior, L. C. (2005). **Agroindústria familiar: uma estratégia para o desenvolvimento rural sustentável no Oeste do Paraná.** Toledo: Gráfica Popular.
- Pelegri, G., & Gazzola, J. (2008). **A valorização da agroindústria familiar rural como alternativa de geração de renda no campo.** *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 46(1), 157-176. <https://doi.org/10.1590/S0103-20032008000100008>
- Radomski, S. (2006). **Agroindústria familiar no Rio Grande do Sul: uma abordagem sociocultural.** *Revista Cadernos de História*, 3(5), 39-55.
- Roberti, P. B., & Santana, A. C. (2013). **Gestão e sustentabilidade em agroindústrias familiares: um estudo de caso.** *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, 9(2), 74-95.
- Schneider, S. (2016). *Rural development in Brazil: From agrarian reform to multifunctionality*. Routledge.
- Schneider, S., Niederle, P. A., & Waquil, P. D. (2013). **A multifuncionalidade da agricultura familiar na América Latina: desafios conceituais e metodológicos.** *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 51(1), 9-28. <https://doi.org/10.1590/S0103-20032013000100001>
- Spanevello, R. M., Souza, A. L. T., & Menezes, M. (2019). **A relevância das agroindústrias familiares para o desenvolvimento rural: o caso do município de Dois Irmãos - RS.** *Revista Eletrônica de Administração e Economia*, 18(3), 42-61. <https://doi.org/10.1007/s10806-019-09805-7>
- Wanderley, M. N. B. (1999). **Agricultura familiar no Brasil: características e tendências.** *Revista de Sociologia e Política*, 13(3), 85-102.
- Wesz Junior, V. J., & Trentin, G. (2004). **Agroindústria familiar e segurança alimentar: um estudo no Oeste do Paraná.** *Revista Nera*, 8(5), 10-24.